

Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

# NORA ROBERTS

ILHA DE VIDRO

Os Guardiões  
LIVRO 3



## PRÓLOGO



**E**LAS SE ENCONTRARAM EM UMA COLINA ALTA, BEM ACIMA DO MUNDO, sob um céu estrelado deslumbrante e uma lua branca paciente. Juntas, as deusas olharam para o mar escuro e vítreo, para além do castelo que brilhava em sua própria e mágica colina.

– Duas estrelas já foram encontradas e estão a salvo. – Luna ergueu o rosto para o céu em alegria e agradecimento. – O destino dos seis foi bem escolhido. Os corações dos guardiões são fortes e verdadeiros.

– As provações deles ainda não terminaram – lembrou Celene. – E o que enfrentarão exigirá mais do que ter um coração verdadeiro.

– Eles estão à altura do desafio. Já provaram que são valorosos guerreiros. Correram riscos e saíram vitoriosos – comentou Arianrhod. – Porém, você está certa: haverá mais uma batalha, mais sangue será derramado. Nerezza e o demônio que ela criou querem mais do que as estrelas, mais do que a morte dos guardiões. Querem aniquilação.

– Sempre foi assim – murmurou Luna. – O coração de Nerezza sempre foi assim.

– Eles a enfraqueceram. – Arianrhod segurou o punho cravejado de joias da espada ao seu lado. – Quase a destruíram. Se não fosse pelo humano que ela transformou, teriam conseguido.

– Não pensamos isso na noite da ascensão da rainha ao trono, a noite em que criamos as estrelas? – lembrou Celene às irmãs.

Ela estendeu os braços. No mesmo instante, à beira do vasto mar, as imagens do ocorrido tremeluziram.

– Uma noite de alegria, esperança e celebração – continuou Celene. – E nós três conjuramos três estrelas. Para a sabedoria, forjada em fogo.

– Para a compaixão, fluida como água – acrescentou Luna.

– Para a força, fria como gelo – completou Arianrhod.

– Nossos poderes e nossas esperanças unidos em um presente para a nova rainha. Um presente que Nerezza cobiçou.

Na praia, branca sob a luz da lua, as três deusas haviam enfrentado a escuridão. No momento em que enviaram suas estrelas, Nerezza surgiu e lançou um raio negro para amaldiçoá-las.

– Então nós a banimos – continuou Celene. – Mas não conseguimos destruí-la. Essa tarefa e essa guerra não cabiam a nós.

– Nós protegemos as estrelas – lembrou-lhe Luna. – Nerezza as amaldiçoou para que um dia caíssem, mas nós as protegemos de modo que, quando caíssem, fosse em segredo. E permanecessem escondidas.

– Até seus guardiões se unirem para encontrá-las e defendê-las. – Arianrhod apertou com mais força o punho da espada. – Na luta contra a escuridão, arriscando tudo para salvar os mundos.

– O tempo deles chegou – concordou Celene. – Os seis tiraram a Estrela de Fogo da pedra e a Estrela de Água do mar. Mas o teste final os aguarda, assim como Nerezza e seu exército profano.

– Independentemente de seus poderes e dons, os seis enfrentarão uma deusa. – Luna levou a mão ao peito. – E nós só podemos observar.

– Esse é o destino deles – disse Celene. – E no destino deles repousa o destino de todos os mundos.

– O tempo deles chegou. – Arianrhod segurou a mão de suas irmãs. – E, com ele, se forem fortes e sábios, se mantiverem seus corações verdadeiros, o nosso.

– A lua está cheia. Por isso a loba uiva. – Celene apontou para o cometa que descrevia um arco no céu. – Por isso eles voam.

– E a coragem voa com eles – disse Arianrhod.

– E lá! – Luna apontou para o grande mar escuro onde uma luz brilhou, ardeu e se aquietou. – Eles estão seguros.

– Por enquanto. – Com um gesto, Celene dispensou as imagens ondulantes na praia. – O futuro começa agora.

# 1



UM HOMEM QUE NÃO PODIA MORRER TINHA POUCO A TEMER. UM imortal que durante a maior parte de sua longa vida fora um soldado em batalha não fugiria de uma luta contra uma deusa. Um soldado, embora um solitário por natureza, entendia o dever e a lealdade para com os que lutam com ele.

O homem que vira seu jovem irmão ser destruído por magia negra e vivera com esse fardo, que lutara contra a ganância insana de uma deusa, sabia a diferença entre a escuridão e a luz.

Não o assustava a ideia de ser transportado por um companheiro capaz de se locomover no tempo e no espaço, mas ele teria preferido outro meio de transporte.

Um homem às vezes tinha que se alinhar com outros para cumprir seu destino. E, em meio ao redemoinho de vento e ao brilho da lua, e a uma velocidade de tirar o fôlego (precisava confessar que se empolgara com a velocidade), Doyle sentira seus companheiros. Todos ainda sangravam da batalha. A vidente que os unira. O bruxo que possuía mais poder do que qualquer um que ele havia conhecido. A sereia que era puro encanto, coragem e coração – e um deleite para os olhos. O viajante do tempo. E a mulher que se metamorfoseava. Leal, corajosa e exímia atiradora.

Naquele momento, ela se encontrava na forma de loba, já que a lua tinha surgido justamente quando eles se preparavam para deixar para trás as belezas e as batalhas de Corfu. Agora estava uivando. E o som que Doyle ouviu não era de medo, mas exatamente da mesma empolgação que pulsava no sangue dele.

Então Doyle sentiu o cheiro da Irlanda – o ar úmido, o verde –, e a empolgação desapareceu. O destino, frio e engenhoso, o levava de volta para onde seu coração fora partido. Mesmo tendo se preparado para isso, para fazer o que precisava ser feito, esse peso o esmagava.

Um homem que não podia morrer ainda podia sentir o solavanco e o ultraje de atingir o chão com uma força de chacoalhar os ossos e tirar o fôlego.

– Droga, Sawyer!

– Desculpe. – A voz de Sawyer veio da esquerda. – Foi uma longa viagem. Alguém se machucou? Annika?

– Eu estou bem. Mas você... – A voz dela era um sussurro musical. – Você está ferido.

– Não é nada grave. Ei, você está sangrando.

Annika deu um sorriso radiante como o sol.

– “Não é nada grave” – retrucou ela.

– Talvez da próxima vez devêssemos usar paraquedas – sussurrou Sasha, deixando escapar um gemido.

– Estou aqui com você.

Quando os olhos de Doyle se adaptaram, ele viu Bran puxar Sasha para si.

– Você está ferida?

– Nada muito sério – respondeu Sasha. – Só alguns cortes e hematomas. E o vento me tirou o fôlego. Eu já deveria estar acostumada com isso. Riley? Onde está Riley?

Doyle se levantou e pôs a mão no pelo da loba, que rosnou.

– Ela está aqui, e bem. Riley se cura mais rápido na forma de loba.

– Seu olhar encontrou aqueles olhos castanho-amarelados: Dra. Riley Gwin, a renomada arqueóloga e licantropa. – Nem pense em me morder – murmurou.

Ele se deu conta de que, por mais que a aterrissagem tivesse sido brusca, Sawyer havia conseguido. Estojos de armas, bagagem e caixa de livros de pesquisa, mapas e outros itens estavam em uma pilha relativamente organizada a centímetros de distância. E, o mais importante para ele, sua motocicleta estava em posição vertical e intacta.

Satisfeito, ele ajudou Sawyer a se levantar.

– Não foi tão ruim.

– Não. – Sawyer passou os dedos pelos fartos cabelos queimados de sol e despenteados pelo vento. Então sorriu quando Annika deu uma série de saltos estrela. – Acho que alguém gostou do passeio.

– Você se saiu bem. – Bran pôs a mão no ombro de Sawyer. – É uma proeza, não é? Transportar seis pessoas e todo o resto, através do mar e do céu, em questão de minutos.

– Estou com uma tremenda dor de cabeça.

– Sem contar isto...

Bran ergueu a mão de Sawyer, a que havia agarrado os cabelos de Nerezza quando a transportara para longe.

– Vamos dar um jeito nisto, e no que mais for preciso. Deveríamos levar Sasha para dentro. Ela não me parece bem.

– *Eu estou bem* – retrucou ela, mas continuou sentada no chão. – Só um pouco tonta. Riley, por favor, não! – gritou rapidamente, pondo-se de joelhos na direção da loba. – Ainda não. Vamos nos orientar primeiro. Riley quer correr – explicou para os outros.

– Tudo bem. Não há perigo aqui. A floresta é minha – disse Bran para Riley. – E agora é sua. Vá!

A loba se virou e se afastou, desaparecendo na mata fechada.

– Ela pode se perder... – começou Sasha.

– Ela é uma loba – salientou Doyle. – Provavelmente se orienta melhor do que todos nós juntos. Metamorfoseou-se quando estávamos partindo e precisa de um momento sozinha. Loba ou mulher, ela sabe se cuidar.

Ele deu as costas para a floresta onde havia corrido quando criança, onde havia caçado, onde buscara solidão. Um dia, aquele lugar fora seu lar – agora era o de Bran.

Sim, o destino era frio e engenhoso.

Na casa que Bran havia construído na costa selvagem de Clare, Doyle lembrou a sua própria. Onde sua família vivera por gerações.

*Eles se foram séculos atrás*, lembrou a si mesmo. A casa e a família tinham virado pó. Em seu lugar havia uma mansão, e ele não esperava menos de Bran Killian.

Uma bela mansão de pedra, ponderou ele, com os toques fantásticos que se poderia esperar de um bruxo. Talvez algumas das paredes ainda fossem de seu lar de tanto tempo antes. Três andares, duas torres arredondadas de cada lado e uma espécie de balaustrada central que oferecia uma vista magnífica dos penhascos, do mar e da terra.

Tudo *suavizado*, Doyle supôs ser essa a palavra, por jardins feéricos florindo livremente e exalando uma mistura de perfumes.

Doyle divagou por um momento, permitindo-se pensar na mãe, que amara cada pedacinho daquele lugar.

Depois, afastou esse pensamento.

– É uma bela casa.

– É uma boa terra. E, como eu disse para Riley, é tanto sua quanto minha. Doyle balançou a cabeça.

– Bem, é como eu me sinto – continuou Bran, o vento jogando seus cabelos pretos como a noite ao redor de seu rosto de traços fortes. – Fomos reunidos para um objetivo. Lutamos e sangramos juntos, e sem dúvida isso acontecerá de novo. E aqui estamos nós, onde você nasceu e onde me senti compelido a construir. Também há um objetivo aqui, e vamos alcançá-lo.

Annika se aproximou e acariciou o braço de Doyle, em um gesto de conforto. Seu belo rosto estava machucado e seus longos cabelos pretos estavam sensualmente revoltos pela viagem.

– A casa é linda. E sinto o cheiro do mar.

– Está bem mais abaixo. – Bran sorriu. – Mas aposto que você o encontrará facilmente amanhã de manhã. Por enquanto, é melhor levarmos nossas coisas para dentro e descansarmos um pouco.

– Concordo – disse Sawyer, pegando algumas caixas. – E, por Deus, eu adoraria comer alguma coisa!

– Eu vou cozinhar. – Annika atirou os braços ao redor dele e o beijou com entusiasmo. Depois, pegou sua mochila. – Temos algo para cozinhar, Bran, enquanto você cuida dos ferimentos do grupo?

– A cozinha está bem estocada. – Ele estalou os dedos na direção das grandes portas duplas arqueadas. – A casa está destrancada.

– Desde que tenha cerveja... – Atrás de Annika e Sawyer, Doyle pegou os dois estojos de armas, sua prioridade.

– Ele não está bem – murmurou Sasha para Bran. – Sinto que as lembranças e a perda ainda o afetam.

– Sinto muito, de verdade. Mas sabemos o motivo de estarmos aqui: encontrar a última estrela e acabar com isso.

– Sempre há um preço. – Com um suspiro, ela se apoiou nele e fechou os olhos azuis como o verão, ainda cansada da batalha e da viagem. – Mas Annika tem razão. A casa é linda, Bran. Maravilhosa. Quero pintá-la uma dúzia de vezes.

– Você terá tempo. – Bran a abraçou. – Eu falei que era de Doyle e Riley tanto quanto minha. É de Annika e Sawyer também. Mas, *fáidh*, esta casa é sua assim como meu coração é seu. Quer morar comigo aqui, pelo menos durante parte do tempo de nossas vidas juntos?

– Quero morar com você aqui e em qualquer lugar. Vamos entrar? Quero ver se a casa é também maravilhosa por dentro.

– É realmente um lar com você aqui.

Para impressioná-la, ele agitou a mão. No mesmo instante, todas as janelas e o caminho do jardim até a porta da frente se iluminaram.

– Você me deixa sem fôlego.

Ela suspirou e pegou o estojo contendo o material de pintura, sua prioridade. Eles passaram por um amplo hall com pé-direito alto e piso de tábuas brilhantes. Sobre uma mesa pesada com dragões curvados esculpidos nas pernas havia bolas de cristal e um vaso alto cheio de rosas brancas.

O hall dava para uma sala de estar com sofás em tons vibrantes, grandes mesas e luminárias. Agitando a mão de novo, Bran fez surgir chamas vermelhas e douradas em uma lareira de pedra tão imponente que Doyle poderia ter ficado em pé ali dentro com os braços abertos.

Segurando uma cerveja, Doyle ergueu a sobrancelha.

– Elegante, hein?

– Dei o meu melhor – respondeu Bran.

– Vou pegar o restante das coisas e você cuida do Sawyer, ok? Ele está com muita dor de cabeça e algumas queimaduras feias. E Annika está mais machucada do que aparenta.

– Ajude Sawyer e Annika – disse Sasha. – Vou ver Doyle.

– Sawyer está na cozinha com Annika. – Doyle relanceou os olhos para Sasha. – E você tem suas próprias cicatrizes de batalha, loirinha.

– Eu estou bem – comentou ela para Bran. – A tontura só durou alguns minutos desta vez, e o resto pode esperar. Mas aceito uma taça de vinho, se você tiver.

– Tenho, é claro. Vou cuidar do Sawyer e sirvo uma para você.

Ela começou a pegar mais mochilas com Doyle. Logo depois, olhou fixamente para a floresta.

– Não se preocupe. Ela vai parar de correr e voltar – comentou Doyle, lendo os pensamentos dela. – Mas você ficaria mais feliz com todos seguros em casa, não é?

Sasha deu de ombros.

– Sim. É que foi... um dia e tanto.

– Encontrar a segunda estrela deveria ter colocado um sorriso no seu rosto. No entanto, você está triste.



– Um ano atrás, eu ainda negava o que era. Não sabia nada sobre nenhum de vocês, deusas, luz ou escuridão. Eu nunca tinha feito mal a ninguém, muito menos...

– O que você combateu e matou não era humano. Eram *criaturas* criadas por Nerezza para destruir.

– Havia pessoas também, Doyle. Humanos.

– Mercenários pagos por Malmon para nos matar, ou pior. Você esqueceu o que eles fizeram com Sawyer e Annika na caverna?

– Não. – Sasha abraçou o próprio corpo para conter um calafrio. – Nunca esquecerei. E nunca entenderei como seres humanos podem torturar e tentar matar por dinheiro. Por que matariam por lucro. Nerezza entende. Ela conhece esse tipo de ganância, esse desejo cego por poder. E sei que é o que estamos combatendo. Malmon trocou tudo por isso. Ela roubou a alma e a humanidade dele. Agora ele é uma coisa, a criatura dela. Tenho certeza de que Nerezza faria o mesmo com cada um de nós.

– Mas não fará. Nós a ferimos hoje. Ela está sangrando esta noite. Eu procuro as estrelas e a caça há mais tempo do que você pode imaginar. Cheguei perto, ou pelo menos pensei que sim. Só que perto não significa nada.

Ele tomou um longo gole de cerveja.

– Não gosto de usar o destino como motivo ou desculpa, mas o fato incontestável é que nós seis estamos juntos, como era para ser. Nosso dever é encontrar as Estrelas da Sorte e acabar com Nerezza. Você sente mais do que os outros. É seu dom e sua maldição, ver e sentir. Sem esse dom, não estaríamos vivos. Não há nenhum mal em ser capaz de atirar com uma besta como se tivesse nascido com um arco na mão e uma flecha na outra.

– Quem diria, hein?

Ela suspirou, uma mulher bonita com cabelos longos banhados pelo sol e olhos azuis profundos. Uma mulher que ganhara músculos e força, interior e exterior, nas últimas semanas.

– Eu sinto sua tristeza também, Doyle. Lamento muito.

– Vou sobreviver – respondeu ele.

– Sei que era para você estar aqui, andar por esta terra de novo, olhar para este mar. E não só para procurar as estrelas ou combater Nerezza. Talvez... não sei ao certo, talvez para reconforto.

Doyle se fechou. Aquilo era sobrevivência.

– O que havia para mim aqui se foi há muito tempo.

– Ainda assim – murmurou ela –, estar aqui esta noite é difícil para você. E também não foi fácil para Riley.

– Considerando que acabamos de enfrentar uma deusa e seus assassinos, não foi fácil para nenhum de nós. Mas, sim – disse ele diante do olhar e do silêncio de Sasha –, foi uma viagem tumultuada para ela.

Doyle guardou a garrafa de cerveja vazia no bolso do casaco de couro surrado e ergueu as malas.

– Ela vai voltar pela manhã. Pegue o que puder, e eu levo o resto. Nós dois sabemos que você seria mais útil ajudando Bran a tratar os ferimentos.

Sasha não argumentou, e Doyle notou que ela mancava um pouco. Ele entrou, pôs as malas no chão e a pegou no colo.

– Ei!

– Mais fácil do que argumentar. A casa é grande o suficiente para você?

Eles passaram pela ampla entrada e as salas adiante. Cores vibrantes, chamas crepitando em lareiras, luzes e madeira brilhantes.

– É magnífica. Enorme.

– Vocês vão precisar fazer muitos filhos para enchê-la.

– Eu...

– Cogitou a ideia, né?

Sasha ainda estava sem fala, sendo carregada para a cozinha. Sawyer, um pouco menos pálido, estava sentado em um banco diante de um longo balcão de ardósia cinza enquanto Bran tratava as queimaduras em suas mãos.

Annika, que continuava linda apesar dos cortes e hematomas, parecia compenetrada salteando frango em uma enorme frigideira no que Sasha reconheceu como um fogão profissional de seis bocas.

– Certo, agora você quer... – Sawyer se interrompeu e sibilou quando Bran atingiu um novo ponto de dor.

– Vou levar o frango e os legumes para a mesa lá fora. Posso fazer isso – disse Annika.

– Vou ajudar você. – Sasha cutucou o ombro de Sawyer. – Me coloque no chão.

A ordem fez Bran se virar e ir rapidamente na direção dela.

– O que foi? Onde ela está ferida?

– Eu não estou...

– Ela está mancando um pouco. Perna direita.

– Ponha-a ali, ao lado de Sawyer.

– Só estou dolorida. Termine de cuidar de Sawyer. Vou ajudar Annika. Eu...

– Eu posso fazer isso! – Claramente frustrada, Annika despejou o frango em uma travessa. – Gosto de aprender. Cozinho o frango com alho, óleo e ervas. Cozinho os legumes. Faço o arroz.

– Você está irritando a sereia – disse Doyle, e pôs Sasha em um banco. – Está com um cheiro ótimo, linda.

– Obrigada. Sasha, você pode cuidar dos ferimentos de Bran enquanto ele cuida dos seus e dos de Sawyer. Depois ele pode cuidar dos meus. É importante que a gente coma um pouco também. Sawyer precisa disso. Ele está machucado e fraco da...

Os olhos de Annika ficaram marejados, como se fossem piscinas verdes brilhantes, antes de ela se virar rapidamente para o fogão.

– Anni, não. Eu estou bem.

Como Annika se limitou a balançar a cabeça, Sawyer se levantou. Doyle simplesmente o empurrou de volta para o banco.

– Deixe isso comigo.

Doyle atravessou a cozinha com piso de madeira rústico e acariciou os cabelos despenteados de Annika.

Ela se virou e foi direto para os braços dele.

– Eu acreditei, eu acreditei, mas estava com muito medo. Com medo de que ela o levasse.

– Não o levou. O Atirador é esperto demais para isso. Ele a levou para um passeio, e agora estamos todos aqui.

– Eu sinto tanto amor! – Agora suspirando, ela pousou a cabeça no peito de Doyle e olhou nos olhos de Sawyer. – Eu sinto tanto amor!

– É por isso que estamos aqui – disse Sawyer. – Acredito nesse amor.

– Ele precisará de algum tempo para se curar – comentou Bran. – Além de comida e sono.

– E cerveja – acrescentou Doyle.

– Nem precisa dizer. Próximo paciente! – Bran se virou para Sasha.

– Não estou vendo aquela taça de vinho.

– Verdade. Vou buscar. – Doyle deu um beijo na testa de Annika, que voltou a cozinhar.

– A comida vai ficar muito boa, vocês vão ver! – exclamou ela.

Enquanto Doyle servia vinho, Bran arregaçou a perna da calça de Sasha.

Ele proferiu uma série de imprecações ao ver a pele em carne viva com marcas de garras que desciam até a panturrilha.

– “Só alguns cortes e hematomas”, não é?

– Sinceramente, eu não tinha notado. – Sasha pegou o vinho que Doyle lhe ofereceu e tomou um rápido gole. – Agora que percebi, dói muito mais.

Bran pegou a taça dela e acrescentou algumas gotas de um frasco de seu estojo de remédios.

– Beba devagar, e respire devagar – recomendou. – A limpeza vai doer.

Sasha obedeceu. No entanto, quando o ferimento começou a doer como picadas de uma dúzia de vespas zangadas, ela agarrou a mão de Doyle.

– Sinto muito. *A ghrá*. Sinto muito. Está infeccionado. Só mais um minuto.

– Você está bem. – Doyle atraiu o olhar de Sasha enquanto Sawyer acariciava as costas dela. – Que bela cozinha você tem agora, loirinha. Capaz de fazer alguém que sabe cozinhar como você dar pulos de alegria.

– Sim. Gosto dela... Gosto dos armários. Não só por ter quilômetros de armários, mas por causa de todas aquelas frentes com vitrais. E gosto das janelas. Deve bater uma luz maravilhosa aqui à tarde.

– Ela precisa beber mais – avisou Bran por entre os dentes. – Sawyer.

– Beba tudo. – Sawyer levou a taça aos lábios de Sasha. – Vamos fazer uma competição culinária, você e eu... e Anni – acrescentou.

– Desafio aceito. – Então ela deixou escapar um longo e trêmulo suspiro.

– Graças a Deus – disse quando Bran cobriu o ferimento com unguento frio e calmante.

– Você aguentou firme – elogiou Doyle, dando-lhe um tapinha no ombro.

– Sua vez – disse Sasha para Bran.

– Dê um minuto para si mesma, e para mim também. – Bran se sentou ao lado dela. – Cuidaremos um do outro. Quando terminarmos, e enquanto comemos, imagino que Sawyer tenha uma história para contar.

– Sim. E acredite – respondeu Sawyer –, é uma excelente história.

Havia uma mesa comprida na cozinha, de tampo de vidro, com bancos e cadeiras em torno. Eles se sentaram ao redor do frango de Annika, acompanhado de pão integral, manteiga fresca, cerveja e vinho. E a história de Sawyer.

– Quando eu subi, por sinal com um impulso danado – disse Sawyer para Bran –, ela estava lutando para controlar aquele cão de três cabeças que montava.

– Você atirou em todas as três cabeças dele – salientou Sasha.

– Sim, uma bala em cada uma. – Sawyer simulou um revólver com os dedos. – Bang! E ela estava concentrada em Bran.

– Neutralize o bruxo, neutralize a magia. – Doyle comeu uma garfada. – Não está bom, Annika.

– Ah!

– Está ótimo.

Ela riu e se remexeu no banco enquanto Doyle pegava mais comida. Então apoiou a cabeça no ombro de Sawyer.

– Você foi muito corajoso.

– Não pensei em nada na hora. Esse é o segredo. Ela estava de olho em vocês e tentando manter aquela besta sob controle. Não notou que eu havia me aproximado.

Olhando para baixo, Sawyer flexionou a mão, quase curada.

– Eu agarrei a desgraçada pelos cabelos, que estavam ao meu alcance. Quando finalmente me viu, ela se assustou. Deu para perceber... Eu a peguei de surpresa, e vi medo. O medo não durou muito, mas estava lá.

– Nós a ferimos antes, em Corfu. – Bran assentiu, seus olhos escuros intensos. – Nós a repelimos, pegamos a Estrela de Fogo e a machucamos. Era natural que sentisse medo.

– Dessa vez Nerezza tinha uma proteção, portanto não é nenhuma idiota. E foi um soco e tanto! – Ele esfregou o peito, lembrando-se do golpe. – Ela pensou que tinha conseguido me pegar. Admito que, talvez por um minuto, achei que havia mesmo. Só que ela não suspeitava que eu já tinha começado a nos teletransportar. Isso foi uma loucura, realmente uma loucura, mas viajar no tempo e no espaço é minha especialidade. Eu aguento essa força, e ela não. Não tão rápido, tão bruscamente. Ela começou a mudar.

– Mudar? – perguntou Sasha.

– Eu a estava segurando pelos cabelos, certo? Aqueles cabelos pretos esvoaçantes. Durante a viagem, a cor deles começou a sumir. E o rosto ficou como o de Dorian Gray.

– Ela envelheceu! – exclamou Sasha.

Ele assentiu.

– Sim. Por um momento achei que fosse minha imaginação, e o fato de que o vento e as luzes faziam meus olhos arderem muito. Só que o rosto de Nerezza começou a murchar. Ela envelheceu bem na minha frente. Seu raio mal me fez cócegas. Estava enfraquecendo, e eu a soltei. Com o resto das

suas forças, Nerezza quase me puxou com ela, mas consegui fugir e ela caiu. Não sei onde. Não consegui descobrir porque àquela altura estava exausto. E eu precisava voltar.

Ele se virou para beijar Annika.

– Eu realmente precisava voltar.

Sasha agarrou o braço dele.

– Isso pode tê-la destruído?

– Eu não sei, mas a ferida e aquela queda deve ter deixado sua marca.

– Segundo a lenda, uma espada acabará com ela – comentou Bran, e deu de ombros. – Mas as lendas são conhecidas por estarem erradas. Seja como for, apesar de “alguns cortes e hematomas” – ele lançou um olhar significativo para Sasha –, nós a ferimos mais do que ela nos feriu. Se ainda estiver viva, precisará de tempo para se recuperar, o que é uma vantagem para nós.

– Agora sabemos que ela sente medo – interpôs Doyle. – Esse medo é outra arma que temos contra ela. Mas isso só vai terminar quando tivermos a última estrela.

– Então vamos procurá-la, e encontrá-la. – Bran se recostou, confiante e à vontade. – Porque foi para cá que a busca nos conduziu.

– Eu acredito que vamos encontrá-la. A Estrela de Gelo – disse Annika.

– Encontramos as outras. Mas agora que estamos tão perto, não sei o que vamos fazer quando as tivermos.

– Deixá-las nos conduzir. – Bran olhou para Sasha, que imediatamente serviu mais vinho.

– Mas com calma – murmurou ela.

– Fé – corrigiu Bran. – Tudo se resume a fé. Por hoje, com todos nós aqui, estamos seguros. E fizemos uma ótima refeição.

Satisfeita, Annika sorriu.

– Separei um prato para Riley, caso ela esteja com fome e não agüente esperar pelo café da manhã. Queria que já tivesse voltado.

– Ela voltará na hora certa.

– Posso senti-la – anunciou Sasha. – Posso senti-la agora. Ela está perto, mas não pronta para vir.

– Então, como eu disse, estamos seguros aqui. E, embora Sawyer pareça melhor, precisa de descanso. Vou mostrar os quartos para vocês. Escolham o que acharem conveniente.



Para Doyle, não importava onde iria dormir, por isso ele escolheu um quarto ao acaso, com vista para o mar, e não para a floresta. A cama com colunas altas era digna de um rei, mas ele não estava pronto para usá-la.

Em vez disso, abriu as portas que levavam à sacada de pedra, deixando o ar úmido invadir o quarto e o barulho das ondas abafar seus pensamentos. Inquieto e antecipando as lembranças que poderiam voltar em sonhos, embainhou a espada e saiu para a noite.

Por mais que estivessem seguros – e ele acreditava que, por ora, estavam –, não era prudente ignorar a necessidade de vigilância e deixar de fazer a ronda.

Bran havia construído sua casa no mesmo ponto em que a dele estivera – embora a de Bran fosse cinco vezes maior. Doyle não podia ignorar essa coincidência nem fingir que não havia motivos para isso.

A casa se situava no penhasco, e na beirada fora construído um paredão de pedra. Havia jardins ali também, notou Doyle, e os cheiros de alecrim, lavanda e sálvia se erguiam da horta perto da cozinha.

Ele andou na direção do penhasco deixando o vento agitar seus cabelos e refrescar seu rosto. Seus olhos, verdes e atentos, examinaram o mar turbulento, o céu nublado e a lua cheia ora surgindo detrás das nuvens cinzentas, ora sendo oculta por elas.

Nada viria naquela noite, nem do mar, nem do céu. Mas, se as visões de Sasha se tornassem realidade – e tinham se tornado até então –, eles encontrariam a última estrela ali, na terra de seus ancestrais. E também encontrariam um modo de acabar com Nerezza.

Sua busca de séculos chegaria ao fim.

E depois?

*E depois?*, pensou novamente, o soldado nele começando a ronda.

Juntar-se a outro exército? Lutar em outra guerra? Não, bastava de guerras. Estava farto de sangue e morte. Por mais que estivesse cansado da vida depois de três séculos, estava mais cansado ainda de testemunhar a morte.

Poderia fazer o que quisesse. Entretanto, não tinha ideia do que queria. Encontrar uma casa para se estabelecer por algum tempo? Construir a própria? Tinha dinheiro guardado para isso. Um homem inteligente não viveria tanto sem juntar alguma grana.

Mas se estabelecer? Para quê? Ele havia andado pelo mundo por tanto

tempo que mal podia conceber a ideia de se fixar em algum lugar. Continuar viajando? Já viajara mais do que qualquer homem.

E por que pensar nisso agora? Seu dever, sua missão e sua busca não haviam terminado. Melhor pensar no passo seguinte, e deixar o resto para depois.

Ele circundou a frente da casa e olhou para cima. Podia ver a boa e sólida casa que seus ancestrais tinham construído. E como Bran a havia usado e respeitado ao ampliá-la.

Por um momento ouviu vozes, havia muito silenciadas. Sua mãe, seu pai, suas irmãs, seus irmãos. Eles trabalharam naquela terra, construíram suas vidas ali, dedicaram-se a ela.

Envelheceram, adoeceram e morreram. E restara apenas ele.

Isso era insuportável.

– Besteira – murmurou, e se afastou.

A loba o observava, seus olhos brilhando ao luar.

Ela ficou muito quieta às margens da floresta – bela e feroz.

Doyle abaixou a mão que procurara instintivamente a espada embainhada às costas. Parou, fitando-a enquanto o vento movimentava seu casaco.

– Você voltou. Deixou Sasha e Annika preocupadas. Você me entende perfeitamente bem – acrescentou quando a loba não se moveu. – Se quer saber, Sawyer está se curando e descansando. Sasha foi ferida mais seriamente do que pensávamos. Ah, *isso* atraiu sua atenção – disse ele quando a loba trotou para a frente. – Ela está descansando também. Bran cuidou deles. Um dos canalhas a feriu na perna, que infeccionou um pouco. Mas ela está bem agora.

Doyle viu a loba se esticar para cima e examinar a casa com aqueles astutos olhos castanho-dourados.

– A casa é cheia de quartos, com espaço suficiente para o dobro de nós. Imagino que queira entrar e ver por si mesma.

A loba simplesmente andou até as grandes portas da frente e esperou.

– Pronto. – Doyle se aproximou e abriu as portas para ela.

Lá dentro, as coisas de Riley jaziam em uma pilha separada.

– Não levamos para cima porque ninguém queria escolher por você. Há muitos quartos disponíveis.

A loba se deteve para observar a sala de estar e a lareira acesa. Depois se dirigiu à escada e olhou para trás.



– Quer que eu leve suas coisas?

Ela sustentou o olhar dele, sem piscar.

– Agora sou um carregador – murmurou, e pegou a mochila dela. – Você pode pegar o resto amanhã. – Ele começou a subir a escada e a loba o acompanhou. – Bran e Sasha estão numa das torres. Sawyer e Annika estão aqui, na primeira porta, de frente para o mar.

Doyle apontou para o outro lado.

– E eu ali, também de frente para o mar.

A loba parou à porta do quarto de Doyle, mas logo voltou a se movimentar. Algumas portas depois, entrou em um quarto com vista para a floresta. Lá dentro havia uma cama com dossel, uma escrivaninha larga e uma lareira de malaquita.

Doyle pôs a mochila no chão e se preparou para sair e deixar o resto por conta dela.

Mas ela foi até a lareira e olhou para trás.

– O quê? Quer que eu acenda a lareira para você também? Deus do céu!

Resmungando o tempo todo, ele tirou tijolos de turfa de um balde de cobre e os arrumou sobre a grade, como fazia quando garoto.

Aquilo era bastante simples, só demorou alguns segundos. Se o cheiro lhe causou um aperto no coração, ele o ignorou.

– Agora, se não precisar de mais nada...

Ela foi até a porta que levava a uma pequena varanda.

– Quer sair de novo? Pelo amor de Deus! Aí não tem escada.

Ele se aproximou e abriu a porta.

– Se quiser descer, terá que pular.

Mas ela só farejou o ar, voltou para dentro e se sentou perto da lareira.

– Portas abertas, então.

Não podia julgá-la. Ele havia feito o mesmo em seu quarto.

– Para qualquer outra coisa, você terá que esperar até de manhã.

Doyle começou a sair, e parou.

– Annika deixou comida para você, se quiser comer de manhã.

Inseguro, ele deixou a porta aberta e começou a ir na direção de seu próprio quarto. Quando chegou lá, ouviu a porta dela se fechando.

Se isso fazia alguma diferença para Sasha, pensou, agora todos estavam debaixo do mesmo teto.

## 2



UMA FOME FERROZ E UM FRIO INSUPORTÁVEL ACORDARAM RILEY À primeira luz da manhã. O fogo se reduzira a brasas, a porta da varanda estava aberta e a chuva caía lá fora.

Estava deitada no chão na frente da lareira, nua e desorientada. Raramente dormia durante a metamorfose – era intenso demais. Nas raras vezes que isso acontecia, era por total exaustão.

Obviamente, uma batalha cruel seguida de uma viagem com a bússola de Sawyer equivaliam a exaustão.

Rígida e trêmula, ela se levantou, afastou os cabelos castanhos curtos e desgrenhados e olhou ao redor. Sua mente, sua razão e seus instintos funcionavam perfeitamente bem quando estava na forma de loba, por isso ela havia escolhido o quarto não só pela enorme e confortável cama, mas também pela escrivaninha.

Precisava de um bom espaço para pesquisa.

Só que isso ficaria para depois. Naquele momento, necessitava de roupas e, por Deus, de comida! Não só por causa do jejum desde o pôr do sol – uma regra difícil de sua alcateia –, mas também da enorme quantidade de energia gasta na metamorfose. De mulher para loba, de loba para mulher.

Sentia-se fraca, trêmula e grata por Doyle ter levado sua mochila para cima, mesmo que relutante. Pegou a primeira calça que encontrou, uma carga marrom surrada, e depois um grosso moletom desbotado mas quentinho que uma tia lhe tricotara como presente de aniversário.

Queria tomar um interminável banho quente, mas precisava de combustível. Silenciosamente, saiu do quarto e examinou o corredor. Deu-se conta de que não vira a cozinha na noite anterior e não sabia exatamente onde ficava, mas desceu a escada mesmo assim.

Achava que Bran tinha se saído muito bem com a grande casa na costa irlandesa. Não só pelo tamanho – *enorme* –, mas também pelo estilo e pelos detalhes artesanais. E pelos toques inteligentes e míticos aqui e ali, que testemunhavam sua linhagem.

Nós celtas, dragões e fadas sensuais faziam parte da decoração. Cores bonitas e vivas, e um belo trabalho de marcenaria. Arte impressionante, lembrando-lhe que precisava ver duas peças específicas: dois quadros de Sasha, em que Bran escondera magicamente as estrelas. Ela acreditava que estavam seguros, mas queria vê-los por si mesma.

Então, com a mão na barriga vazia, perambulou pela casa. Parecia mais provável que a cozinha ficasse nos fundos, por isso se dirigiu para lá, à meia-luz da alvorada chuvosa.

Passou por uma espécie de escritório – com muito couro em tons de chocolate, paredes verde-escuras e uma escrivania maravilhosa. O cômodo seguinte a surpreendeu, com um grande piano antigo e um violoncelo – sempre quisera aprender a tocar violoncelo –, uma coleção de tamborins *bodhran*, flautas e rabecas. Depois, uma acolhedora e espaçosa sala de estar. Mais adiante, uma magnífica biblioteca que a fez esquecer a fome.

Tudo com arcadas largas, pisos brilhantes e lareiras prontas para oferecer calor e luz.

*De quantos cômodos esse cara precisa?*, perguntou-se. Finalmente, encontrou a cozinha.

Não apenas uma elegante cozinha, mas também um espaço enorme com mais couro em poltronas e sofás enormes e uma televisão gigantesca na parede. Do outro lado da cozinha? Uma área de jogos: uma mesa de bilhar, um bar completo saído de algum pub antigo maravilhoso e alguns fliperamas clássicos mais uma vez quase deixaram a fome em segundo plano.

Ela poderia viver naquele lugar pelo resto da vida. Especialmente com as amplas portas de vidro que permitiam a vista daquele céu mal-humorado e do mar sombrio.

– Você tem classe, irlandês – murmurou, praticamente caindo em cima das frutas empilhadas artisticamente em uma larga tigela de madeira polida.

Mordendo um pêssego e quase gemendo ao primeiro gosto de comida, abriu as duas portas da geladeira.

E partiu para o ataque de novo.

Abriu o recipiente com as sobras, pegou um garfo, comeu o prato de frango e arroz frios de Annika e tomou uma Coca-Cola – quase eufórica quando seu organismo celebrou a proteína e a cafeína.

Recomposta, estudou a cafeteira sobre o balcão e decidiu que poderia lidar com ela. Enquanto fazia isso, ouviu passos. Tentou não se ressentir. Bem que gostaria de mais uma hora de silêncio e solidão.

Mas quando Sasha entrou e Riley viu o alívio nos olhos da amiga, sentiu-se mesquinha.

– Preciso de café – disse Riley.

– Eu também. Como você está?

Riley deu de ombros e pegou canecas no armário com porta de vidro.

– Comi o que Annika deixou, por isso estou bem.

Quando Sasha a abraçou por trás, Riley se sentiu ainda mais mesquinha.

– Eu precisava correr.

– Eu sei, eu sei. Senti você voltar. Ainda está com fome?

– Por enquanto, estou satisfeita, obrigada. Como você está? Sei que ficou um pouco machucada.

– Bran cuidou disso. Foi pior para Sawyer.

– Eu sei. Ele está bem?

– Todos nós estamos. Espero que ele durma mais algumas horas. Achei que você fosse dormir mais também.

– Eu vou. Mais tarde. Tinha que me alimentar primeiro. – Reabastecida, Riley se recostou no balcão e sorriu. – Um lugar e tanto!

– Incrível, não é? – Com a caneca já cheia de café na mão, Sasha andou pela cozinha. – Ainda não vi nem metade e quero sair, mesmo na chuva, só para *ver*. É incrível. E eu dormi com um mágico em um quarto na torre. O que poderia ser mais incrível do que isso?

– Dormiu ou transou?

Os olhos de Sasha brilharam para Riley por cima da borda da caneca.

– As duas coisas.

– Eu sabia que você acabaria se gabando. – Riley foi até as portas de vidro e olhou da chuva lenta e fina para o mar cinzento. – A estrela pode estar lá fora. Dentro ou debaixo d'água, como as outras duas. Outra ilha, talvez. Vou ter que arranjar um barco.

Sasha se aproximou e olhou também.

– Agradeço por não ter perguntado, mas vou responder assim mesmo: eu não sei. Não senti nada. Ainda não.

– Acabamos de chegar. Deveríamos ter mais tempo para organizar as coisas antes de ela vir atrás de nós de novo.

– Sawyer disse que ela revidou com força durante a viagem. E que dá para ver a intensidade da força pelos ferimentos dele. Também contou que ela estava enfraquecida e envelhecida antes de ele a soltar.

Riley assentiu e tomou um gole de café.

– Sim. Nós deixamos aqueles cabelos grisalhos e aquele rosto enrugado antes de colocá-la para correr em Corfu. Talvez desta vez enfrentemos uma velha encarquilhada que mal consegue dar um tapa. Só que não acredito nisso. Não vai ser tão fácil assim.

– Temos duas das estrelas e a vencemos duas vezes. Vamos encontrar a terceira.

– Deve ser bom ter otimismo.

Sasha olhou para Riley.

– Você não tem?

– Eu não desprezo o pensamento positivo. É uma boa ferramenta, desde que você esteja disposto a fazer sua parte. – Riley apontou. – Temos um bom espaço lá fora para treinar. Podemos estabelecer um campo de alvo decente no lado da floresta. E tem a floresta em si. Deve ter pelo menos 2 ou 3 hectares, pelo que corri ontem à noite. Silenciosa, reservada. Aqui é a Irlanda, então provavelmente vamos ter que treinar muito na chuva.

Como Sasha não disse nada, Riley olhou para ela.

– E acabamos de chegar. Vamos precisar tomar fôlego. Eu estou um pouco fora de mim – admitiu. – A grande e sangrenta batalha, a lua, a transformação.

– O que há de diferente em viajar na forma de loba?

– É excitante a seu próprio modo, e estranho, pelo menos na primeira vez, porque eu estava me curando enquanto voávamos e não podia me concentrar direito. O pouso foi rápido e abrupto, e me derrubou.

– Eu ouvi.

– Depois, tive que correr. Quase sempre prefiro conhecer meu território antes da lua, para avaliar se é seguro. Como disse, há alguns hectares de floresta particular. Você físgou um bom partido, Sash.

– Você ajudou.

– Eu? Como?

– Você foi minha amiga. A primeira amiga a saber o que eu era e a me aceitar como sou. Você me deu conselhos, me ouviu, se importou. E tudo isso me ajudou a ser esperta e forte o suficiente para... fisgar um bom partido.

– Puxa, então você me deve essa.

Sasha riu e deu um abraço forte em Riley.

– Sim. Vou pagar uma parte fazendo o café da manhã. Como estamos na Irlanda, será a especialidade de Bran: um autêntico café da manhã irlandês.

– Eu aceito. Mas, antes, quero tomar um banho. Não tive chance de fazer isso depois da guerra.

– Sem pressa – disse Sasha. – Primeiro quero caminhar e conhecer a casa. Não vi quase nada ontem.

– Bran toca piano?

– Não sei. Por quê?

– Ele tem um magnífico. Vienense, de meados do século XIX.

– Você sabe tudo.

– Quase tudo – respondeu Riley. – Ele também tem violoncelo, violinos, violas, flautas e uma coleção excepcional de tamborins *bodhran*. Deve tocar alguma coisa.

– Nunca falamos sobre isso. Vou perguntar para ele. Você toca alguma coisa?

– Piano, embora já faça algum tempo que não toco. E ele tem uma área de jogos enorme ali. E uma biblioteca magnífica, que lembra uma catedral.

– Acho que você viu mais da casa do que eu.

– Mas não transei.

– *Touché*.

Sasha se virou quando Annika entrou, descalça e com os cabelos e o vestido esvoaçantes.

– Riley!

Como se não a visse havia anos, Annika correu até ela e a abraçou.

– Bom dia para você também – disse Riley.

– Ficamos preocupados. Doyle garantiu que você voltaria, mas ficamos mesmo assim. Agora você está aqui! Bom dia.

– Como você pode estar linda assim logo cedo? Sem café?

– Eu não gosto de café. Gosto das manhãs. Sawyer vai descansar mais um pouco, mas já está se sentindo muito melhor. Descansado o suficiente para nossa noite juntos, e eu fui muito gentil.

– Sexo. – Riley balançou a cabeça. – Tudo é sexo. Me conte mais... Não, depois que eu tomar meu banho.

– Às vezes eu gosto de ficar acima... quer dizer, em cima. Em cima, quando é lento e suave. Assim posso ter muitos orgasmos.

– Certo. – Riley deixou escapar um suspiro. – Acho que o banho vai ser mais longo do que o planejado.

Como Sasha riu e Riley saiu às pressas, Annika lhe deu um sorriso intrigado.

– Não entendi. Ela precisa ficar mais limpa?

– Não, ela quis dizer... Vou explicar, só que preciso de mais café.



A melhor coisa depois de um banho quente era uma refeição quente. Quando Sasha, com a ajuda de Annika, acabou de preparar a refeição, o time já estava reunido na cozinha.

Riley sentiu o cheiro... Bacon! E ouviu a mistura de vozes ao voltar para o andar de baixo.

– Eu tenho um carro aqui – disse Bran. – Podemos nos espremer dentro dele.

– Eu tenho minha moto – interpôs Doyle. – Posso levar alguém na garupa.

– É verdade. Posso providenciar uma van, para o caso de quisermos ou precisarmos ir todos em um só veículo. E aí está ela – acrescentou Bran quando Riley entrou. – Sasha falou que você está curada e descansada. Encontrou um quarto adequado para você?

– Sim, obrigada. Escolhi um com uma escrivantina de bom tamanho, de frente para a floresta. É uma casa enorme, irlandês – disse ela, enquanto pegava mais café.

– Sim. Eu pensei: por que uma pequena? Quando eu tiver minha família, logo ficará cheia. Vamos comer, e depois eu mostro tudo a vocês.

– Ouvi alguém falar “comida”?

Sawyer tirou uma travessa de ovos e batatas do forno quente e deixou os outros pegarem a travessa de carne e a pilha de pão torrado.

A mesa ao lado da janela molhada de chuva revelava a habilidade de Annika com guardanapos dobrados em forma de coração, espetos de madeira dispostos como uma tenda indígena com diminutas flores descendo por ela

e uma única rosa branca saindo do topo. Velas de *réchaud* formavam outro coração com o centro cheio de pétalas de rosas.

Bran as acendeu com um estalar de dedos. Annika bateu palmas.

– Seus jardins ficam lindos na chuva – disse ela para Bran. – Se eu morasse neste castelo à beira-mar, nunca iria querer ir embora.

– Gosto de saber que posso voltar para cá.

– Ela também gosta de chuva. – Sawyer pôs comida em seu prato. – Devo dizer que vou sentir falta do sol da ilha.

– Estou pronta para a chuva. – Sasha passou a travessa para Doyle. – Vamos ter um dia para nos reorganizarmos.

– Aqui é a Irlanda – lembrou-lhe Riley. – Provavelmente teremos mais de um dia chuvoso. De qualquer forma, é bom termos um pouco de tempo para isso. Alguma pista de onde Nerezza caiu, Sawyer?

– Nenhuma. Mas ela estava ferida quando a soltei.

Enquanto comia, ele contou tudo para ela, como fizera com os outros.

– Nós a atingimos feio, e agora ela deve estar se curando – concluiu Riley.  
– Da próxima vez, estará mais precavida. Até lá, ganhamos um pouco de tempo. E quanto a Malmon? Ou a coisa que Malmon se tornou?

– Ele está mais forte e mais rápido – respondeu Doyle.

– Ele pode se manter daquele jeito sem ela? – indagou Riley. – Essa é uma boa pergunta. Presumo que você tenha protegido este lugar, Bran.

– Presumiu certo.

– Então as estrelas estão aqui, e seguras.

– Estão. Vou mostrá-las para você depois. Acho que você escolheu seu quarto pelo espaço de trabalho, e provavelmente o usará, mas há outra área em que você também poderia ser útil.

– Onde?

– A torre norte. Vamos dar uma olhada depois do café da manhã.

– Sabia que temos uma torre norte? – Sorrindo, Sawyer comeu mais bacon. – Uma sul também. E veja só.

Ele apontou o polegar para os fliperamas na área de jogos.

– Entendi – disse Riley. – Vou ganhar de você lá depois.

– Pode *tentar* – retrucou Sawyer. – Não vai conseguir. Ah, precisamos de um novo quadro de tarefas.

Sasha assentiu.

– Vou cuidar disso daqui a pouco. Como Annika e eu preparamos o café



da manhã, encarrego Riley e Doyle de limparem a cozinha. Ah, dei uma olhada no estoque de comida e de material de limpeza. Por enquanto, é mais do que suficiente. Isso adia um pouco as compras na frente doméstica.

– Eu gostaria de fazer compras na Irlanda – disse Annika.

Riley arqueou as sobrancelhas.

– Se fazer compras fosse um esporte olímpico, você ganharia todas as medalhas. Mas, de fato, vamos precisar de roupas para chuva.

– Tem algumas no vestíbulo – disse Bran –, mas é melhor comprarmos mais, pois vamos ter que andar por aí. Conheço este terreno e os vilarejos, só que nunca olhei para eles com a busca em mente.

– E precisamos de mais munição – salientou Doyle.

– Outra coisa que eu não tinha em mente quando estava aqui.

– Tenho contatos – comentou Riley. – Vou dar alguns telefonemas.

– Por que não estou surpreso de você ter contatos na Irlanda? Bem, perdemos algumas flechas na última batalha – continuou Doyle. – E muitas balas.

– Vou cuidar disso. Assim que desembalar meus livros e mapas, posso começar a...

– Podemos esperar um pouco? – interrompeu Sasha. – Sei que não dá para demorar muito e que precisamos tirar vantagem do tempo que temos antes de Nerezza ressurgir, mas será que podemos esperar e relaxar um pouco? Estamos todos aqui, ao redor desta mesa, neste lugar, depois de enfrentar o que me pareceu uma chance muito remota de sobrevivência. Estamos aqui, e duas das estrelas também estão. Foi uma vitória a duras penas, quase um milagre.

– Tem razão. – Os olhos de Bran encontraram os dela e depois examinaram os outros à mesa. – Vamos ter nosso momento, e nos fortalecer para a batalha.

– Por mim, tudo bem – respondeu Doyle, casualmente, e depois relanceou os olhos para Sasha. – Quando você estiver montando o quadro de tarefas, deixe tempo e espaço para treinamento diário. Inclusive calistenia.

Sasha suspirou.

– Isso é cruel, Doyle.

– Ei, preciso do meu momento também. Você se tornou mais forte, loirinha, mas isso foi na luz solar da ilha de Sawyer. Vamos ver como vai se sair com cinquenta agachamentos e puxadas na chuva.

– Talvez eu tenha uma alternativa. Se já terminamos aqui – continuou

Bran –, vou mostrá-la para vocês. E as estrelas também. Acho que a limpeza da cozinha pode esperar um pouco.

– Pode esperar uma eternidade – disse Doyle.

– Seu mundo *é* a eternidade – lembrou Sawyer, mas pegou a mão de Annika e se levantou. – Eu voto por um tour completo pela casa.

– Então vamos pelo alto. – Bran se levantou e estendeu a mão para Sasha.  
– Tenho muito para mostrar.

Eles subiram a escada dos fundos atrás de Bran, que fez uma curva para a direita no segundo andar e continuou a subir.

– Acesso à área do telhado – explicou. – A vista de lá é espetacular, mesmo em um dia chuvoso.

*Ele tem razão*, pensou Riley quando Bran abriu uma grossa porta arqueada e saiu para a chuva.

A ampla área plana do telhado oferecia uma vista panorâmica. O mar furioso cinza-chumbo batia com violência nas rochas e no penhasco. Seu estrondo ressoava abaixo das densas camadas de nuvens, levado pelo vento cortante.

Ao se virar, Riley viu as sombras das colinas por trás da névoa cinza do céu e a floresta verde-escura. Mais adiante, onde correria na noite anterior, avistou uma ou duas cabanas, campos pontilhados de ovelhas e nuvens de fumaça fina subindo de chaminés onde lareiras ardiavam em um dia chuvoso de verão.

– É uma boa posição – disse Doyle, atrás dela. – Mesmo em um dia como este, dá para avistar um ataque a 800 metros ou mais. E é uma posição elevada e com proteção próxima.

Ele olhou para a parede da torre.

– Isso será útil.

– Dá para sentir o cheiro do mar – murmurou Annika.

– E ouvi-lo – acrescentou Sawyer. – Vai ser complicado sair de barco em um mar desses.

– Vou providenciar um barco de mergulho e equipamento – disse Riley distraidamente. – Aquilo é um cemitério? Há quantos anos deve existir?

Ela se lembrou tarde demais. Aquela tinha sido a terra da família de Doyle. Amaldiçoando-se, Riley se virou para ele.

– Sinto muito. Falei sem pensar.

– A primeira a ser enterrada foi minha bisavó, que morreu em 1582, no

parto de seu sexto filho. Portanto, é muito antigo. Embora os arqueólogos geralmente queiram cavar mais fundo do que isso, não é?

– Depende.

– Seja como for – continuou ele, como se ela não tivesse falado –, é uma boa posição estratégica.

– Vamos sair daqui antes que todos nós nos afogemos na chuva. Quero mostrar a vocês uma coisa que pode ser útil.

Enquanto Bran os conduzia novamente para dentro, Sasha acariciou o braço de Riley, que fingiu apontar uma arma para a própria cabeça e disparar. Sasha balançou a cabeça e lhe apertou o braço.

Então ambas andaram mais rápido quando ouviram o grito de alegria de Annika.

Seguindo o som, fizeram uma curva e entraram em uma área no terceiro andar sob meia dúzia de claraboias.

– Caramba! – Ao contrário de Annika, Riley não deu saltos na frente da parede de espelhos que obviamente a encantara, mas esfregou as mãos uma na outra.

A excelente academia de ginástica tinha piso de bambu cor de mel e um circuito completo de aparelhos. Havia duas esteiras, dois aparelhos elípticos e uma bicicleta reclinada de frente para janelas molhadas de chuva, além de um aparelho para exercícios de resistência e suspensão em um canto e uma geladeira com portas de vidro já estocada com água e energéticos no outro.

Também havia aparelhos de musculação, pesos, uma pilha de tapetes de ioga e bolas de exercício e equilíbrio.

– Nossa, como eu senti falta de vocês – disse Riley, tirando um peso de 5 quilos de uma prateleira.

– Bom o suficiente, eu diria, para aqueles exercícios calistênicos se o tempo não cooperar.

Doyle deu de ombros ao ouvir o comentário de Bran.

– As batalhas acontecem tanto em tempo bom quanto ruim. Mas... será útil. Hummm. Vamos poder treinar barra aqui.

– Ah, droga – murmurou Sasha, fazendo-o sorrir.

– Por que não experimenta, loirinha? Mostre-nos do que é capaz.

– Ainda estou dando um tempo.

– Então amanhã. À primeira luz do dia. Posso incluir alguns circuitos no

treinamento, e os pesos são bem-vindos. Mas vamos correr lá fora, no sol ou na chuva. Um aparelho não faz você sentir o chão.

– As paredes são tão brilhantes! – Annika deu um salto estrela gracioso e perfeito na frente do espelho. – Gosto de ver como é.

– Eu também gostaria se estivesse no seu lugar. – Depois de algumas flexões, Riley guardou o peso. – Posso usar quando quiser, irlandês?

– É tanto seu quanto meu.

– Ótimo. Vou me exercitar um pouco, mais tarde. Esse será meu momento – disse ela para Sasha.

– Cada um tem o seu. Eu pretendo montar meu cavalete.

– Falando em cavaletes e pinturas... – Riley se virou para Bran.

– Isso fica para depois. Ah, tem mais coisas do outro lado daquelas portas.

– Mais? – perguntou Annika, entusiasmada.

– Uma sauna a vapor, uma *jacuzzi*, um chuveiro e um vestiário. Lamento pela falta de uma piscina.

– Ah, tudo bem. O mar está muito perto.

Sorrindo, Bran apontou para a porta.

– Há mais neste andar – começou ele enquanto os conduzia para fora. – Mais quartos, uma área de estar.

– Quantas pessoas há na sua família? – perguntou Sawyer.

– Incluindo primos? – Com uma risada, Bran parou a uma porta em uma parede arredondada, uma porta de madeira escura que parecia antiga, sem maçaneta nem dobradiças. – Somos mais de cem, eu acho.

– *Cem?*

A reação de Sasha o fez rir.

– Tarde demais para desistir, *mo chroi*.

Bran estendeu a mão para a porta, com a palma virada para fora. Falou em irlandês, fazendo Doyle olhar para ele.

*Somente para mim e os meus, abre-te.*

Um raio azul e pulsante desceu pela madeira.

E a porta se abriu.

– Melhor do que um cão de guarda – disse Riley.

– Só abrirá para a gente, assim como as portas do segundo e do primeiro andares que levam a esta torre. O que é mantido aqui dentro está protegido contra qualquer um que tente roubá-lo.

Bran fez um gesto para que entrassem.

Riley quase ofegou.

A oficina dele, pensou, ou loja de magia, toca do feiticeiro. Qualquer que fosse o nome, era surpreendente, como o resto da casa.

Erguia-se dentro da torre, o que não seria física ou estruturalmente possível.

Mais uma vez, magia.

Prateleiras flutuantes continham garrafas, potes e caixas. À luz misteriosa brilhante, ela reconheceu algumas plantas, cálices, facas rituais, caldeirões e tigelas.

Bolas e lanças de cristal. Livros com capas de couro, alguns provavelmente de séculos antes. Espelhos, velas, amuletos, esculturas.

Vassouras, ossos, runas e cartas de tarô.

E, acima de uma lareira de pedra, as pinturas de Sasha.

Aqui, claro, pensou Riley. Magia dentro de magia dentro de magia. Protegidas do mal, dentro da luz.

– Eu disse que comprei o primeiro de seus quadros antes de conhecê-la. – Bran pôs o braço ao redor dos ombros de Sasha enquanto eles as estudavam. – Eu o vi em uma galeria em Nova York e o quis. *Precisei* dele – corrigiu-se. – Meu caminho através da floresta. Um que eu conhecia tão bem e dava aqui. Embora só eu soubesse disso. Muitas vezes o percorri na direção da luz que você pintou tão lindamente, e pensei em pendurar o quadro em meu apartamento em Nova York para me lembrar disso. Acabei trazendo-o para cá, mesmo naquela época. E o coloquei aqui, em meu lugar mais precioso.

– Eu sonhei com isso. – *Sozinha, e muito antes de conhecê-lo*. – Sonhei com o caminho, as árvores e a luz, mas não conseguia ver onde dava. Não até agora.

– E o segundo, que o acompanha, você também pintou a partir de visões que nos guiavam para cá. Não só para a casa, como também para a terceira estrela. Vamos encontrá-la aqui.

*No fim do caminho*, pensou Riley, a casa magnífica onde estavam agora, brilhando à luz suave, adornada com jardins e se erguendo acima de um mar turbulento.

*As coisas vêm em três*, pensou. Não só as estrelas, mas outras coisas também. Sasha pintaria um terceiro quadro?

– As estrelas brilham seguras em suas visões e em sua arte – comentou Bran, erguendo as mãos.

No mesmo instante, as pinturas brilharam em uma sobreposição de cores. Vermelho no caminho, azul na casa. E elas deslizaram daquele mundo para as mãos dele, fechadas em vidro transparente, brilhantes e corajosas como a verdade.

– Para nós guardarmos – disse Bran. – E a terceira, a Estrela de Gelo, para encontrarmos.

– Mesmo quando houver três estrelas, de fogo, água e gelo, nas mãos dos guardiões, as batalhas não terminarão. – Enquanto Sasha falava, seus olhos se tornaram escuros e profundos. – Quando houver três estrelas, porque três foram feitas e dadas aos mundos, a escuridão buscará mais sangue e mais morte. Derrotem-na em união. Que ela caia no caos. Escolhas serão feitas, caminhos serão seguidos. Mantenham-se verdadeiros, mantenham-se três, um por dois, e então, somente então, a Ilha de Vidro aparecerá. Somente então ela se revelará para os decididos e de coração valente. – Com a visão ardendo como mil sóis, Sasha se virou para os outros. – Vocês viajarão através da tempestade? Darão um salto de fé? Verão o que vive dentro da pedra e da tristeza? E encontrarão a última? E, ao encontrá-la, se manterão fortes e verdadeiros?

Com um longo suspiro, Sasha fechou os olhos.

– Está frio.

Bran olhou para a lareira e as chamas começaram a ganhar vida.

– Não, eu quis dizer... Desculpe. Onde a estrela está. Onde quer que ela esteja, está frio. Não posso vê-la, mas posso senti-la. E acho que nada disso é de muita ajuda.

– Discordo. – Riley afagou-lhe o ombro. – Você nos permitiu saber que a parte três não é o fim. Não faz sentido considerá-la como tal quando não será. Nós a encontraremos, lutaremos contra a desgraçada e encontraremos a Ilha de Vidro. E chegaremos lá, com as três estrelas. Mamão com açúcar. Neste caso, é o mamão mais amargo que você já provou e o açúcar parece areia.

– Eu topo – disse Sawyer. – Mamão é saudável.

– E açúcar adoça a vida – completou Annika.

Doyle olhou para as estrelas.

– Nós encontraremos a estrela e a ilha. Custe o que custar.

– Eu diria que união nós temos, e já escolhemos o caminho.

Bran ergueu as estrelas na direção das pinturas. Elas deslizaram para dentro dos quadros.

Para esperar pela terceira.

## CONHEÇA OS LIVROS DE NORA ROBERTS

### QUARTETO DE NOIVAS

Álbum de casamento

Mar de rosas

Bem-casados

Felizes para sempre

### A POUSADA

Um novo amanhã

O eterno namorado

O par perfeito

### OS PRIMOS O'DWYER

Bruxa da noite

Feitiço da sombra

Magia do sangue

### A SINA DO SETE

Irmãos de sangue

A maldição de Hollow

A Pedra Pagã

### OS GUARDIÕES

Estrelas da Sorte

Baía dos Suspiros

Ilha de Vidro

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

